


**A FRONTEIRA ORIENTAL ROMANA E AS GUERRAS PERSAS NA
ANTIGUIDADE TARDIA: CONFRONTO E COEXISTÊNCIA NAS FONTES
ECLESIASTICAS GREGAS E SIRÍACAS (410-428 D.C.)**

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.037-002>

Daniel de Figueiredo

Doutor em História Antiga e Medieval pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Campanha. Departamento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

RESUMO

A história das relações entre os Impérios Romano do Oriente e Persa Sassânida foram permeadas por conflitos bélicos, em diferentes momentos, entre as duas potências durante a Antiguidade Tardia. Esse tema tem sido trabalhado pela historiografia sobretudo dando-se ênfase nos momentos conflituosos registrados pelas fontes gregas que chegaram até nós. Considerando o contexto da busca de afirmação de diferentes vertentes cristãs na região mesopotâmica entre os dois impérios, na primeira metade do século V d.C., o objetivo desse artigo é demonstrar que, além dos episódios conflituosos que resultaram em enfrentamentos bélicos, houve a necessidade, em alguns momentos, de negociações e coexistência entre os governantes de ambos os impérios face às pretensões das elites cristãs que emergiam em ambos os lados da fronteira na busca por autonomia político-administrativa. Para essa análise, serão utilizadas as “Histórias Eclesiásticas”, de Sócrates de Constantinopla e Teodoreto de Ciro, escritas em grego, e os “Atos dos mártires persas sob o rei Yazdgird I” e o “*Synodicon Orientale*” (Registros dos Sínodos Nestorianos), escritos no idioma siríaco.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia. Império Romano do Oriente. Império Persa Sassânida. Conflito político-religioso e administrativo. Controvérsia Nestoriana.



1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA

Os conflitos bélicos travados entre o Império Romano do Oriente e o Império Persa¹ na Antiguidade Tardia foram numerosos e estiveram relacionados a interesses político-religiosos e administrativos ao longo da extensa fronteira mesopotâmica partilhada por ambos. Tais enfrentamentos parecem recrudescer com a emergência da dinastia Persa Sassânida, no século III d.C.², ocasião em que o imperador romano Gordiano III (238-244) organizou expedição para fazer frente à primeira campanha do rei persa Shapur I (240-270) contra o Império Romano (DODGEON; LIEU, 1994). Um panorama detalhado da recorrência e dos interesses que permearam esses enfrentamentos, bem como a busca por soluções diplomáticas é fornecido na obra *Rome and Persia in Late Antiquity: Neighbours and Rivals* (DIGNAS; WINTER, 2007), que traz análise das fontes e informações contextuais até a queda da dinastia Sassânida por ocasião das conquistas árabes, no século VII.

Mas, o que se percebe na historiografia sobre esses conflitos é a ênfase dada aos períodos conflituosos em detrimento das negociações estabelecidas visando a acomodação de interesses. Conforme observa Jan Willem Drijvers (2009), tais percepções que enfatizam as beligerâncias decorrem, principalmente, do predomínio da utilização das fontes Greco-romanas que trazem uma imagem tendenciosa da sociedade persa-sassânida. No sentido de buscar contornar o problema, o objetivo desse artigo é analisar o conflito ocorrido entre os dois impérios nos anos de 421 e 422, que foi rapidamente resolvido por vias diplomáticas, que resultaram em acordos entre o imperador romano-oriental Teodósio II e o rei persa Bahrâm V. Destaca-se que o contexto desse conflito esteve circundado pela emergência das ideias político-religiosas nestorianas³ que floresceram justamente na fluída região da fronteira mesopotâmica entre os dois impérios. No Império Romano do Oriente, o conflito decorrente de tais ideias ficou conhecido como *Controvérsia Nestoriana*.

Para entender em que medida a emergência do nestorianismo influenciou o equilíbrio político-religioso interno em ambas as sociedades, a partir da interação entre as elites cristãs persas e romanas da região mesopotâmica, e como condicionou a política externa entre seus governantes, sobretudo durante a guerra de 421-422, a presente análise compreenderá o período que vai do primeiro Sínodo

¹ O termo “Império Persa” pode ser utilizado genericamente para designar a união política de diferentes povos (medos, persas, partos, ários, bártios etc.), que pertenciam ao tronco linguístico indo-europeu e se reconheciam descendentes de ancestrais comuns oriundos das estepes da Ásia central (Transcaucásia e Transoxiana). Por volta do final do II milênio a.C., começaram a se instalar e a conviver com outros povos da região geográfica do planalto iraniano (assírios, caldeus, elamitas, babilônios etc.). Após conquistarem a região, foram governados por diferentes dinastias, que também podem nomear os impérios por elas governados: Império Aquemênida (550-330 a.C.), Império Parta ou Arsácida (247 a.C.-224) e Império Sassânida (224-651) (LIVERANI, 2016, p. 737-758).

² Todas as demais datas relacionadas referem-se ao período depois de Cristo, salvo indicação contrária.

³ As ideias nestorianas estiveram relacionadas à tentativa de explicação acerca do relacionamento estabelecido entre as naturezas divina e humana no Cristo encarnado. Teve como um dos principais defensores, no período, o bispo Nestório de Constantinopla, que ascendeu à Sé episcopal da capital do Império Romano do Oriente, em 428, por indicação do imperador Teodósio II. Tratou-se de um conflito teológico, mas com desdobramentos nas esferas política e administrativa de ambos os impérios (FIGUEIREDO, 2018).

da Igreja Persa, ocorrido em 410, até a posse do bispo Nestório, no episcopado da capital do Império Romano do Oriente, Constantinopla, em 428. A organização do clero cristão persa pode ser visualizada nos *Registros dos Sínodos Nestorianos (Synodicon orientale)*, ocorridos nos anos de 410, 420 e 424. As informações desses registros serão complementadas com as narrativas dos *Atos dos Mártires Persas* sob o rei Yazdgird I, no sentido de melhor entender as relações entre o poder real e a hierarquia eclesiástica persas. Além desses documentos, a interação dessa hierarquia com as comunidades cristãs no Império Romano do Oriente será verificada por meio das *Histórias Eclesiásticas* de Sócrates de Constantinopla e de Teodoreto de Ciro, cujos textos descrevem as trocas de embaixadas episcopais patrocinadas pelos soberanos de ambos os Impérios. Trata-se, portanto, de documentação de origem eclesiástica contemporânea aos acontecimentos investigados.

A partir dessas análises, pode-se verificar que grupos cristãos situados de ambos os lados da fluída fronteira entre os Impérios Persa e Romano do Oriente, embora submetidos a poderes políticos distintos, partilhavam sentimentos de pertença e interesses comuns que os reuniam em torno da cultura político-religiosa que viria a ser rotulada de nestorianismo. As evidências também permitem indicar que a associação entre esses grupos afetava o equilíbrio de forças internas que dava sustentação aos soberanos de ambos os Impérios, requerendo que esses governantes elaborassem estratégias e tomassem ações conjuntas em vista do problema comum. No Império Romano do Oriente, esse quadro contribuiu para a emergência da *Controvérsia Nestoriana*, quando Nestório, um dos membros dessa comunidade supraterritorial, foi nomeado bispo de Constantinopla. No Império Persa verifica-se as perseguições travadas pelo soberano à população cristã descrita nos *Atos dos Mártires Persas*. Tal contexto que requeria negociações entre ambos os governantes condicionou a rápida resolução da guerra de 421-422 entre os dois impérios.

2 A BATALHA RETÓRICA NOS DOCUMENTOS

Considerando que as disputas entre os Impérios Romano do Oriente e Persa Sassânida apresentavam componentes político-religiosos e administrativos, a natureza das fontes da Antiguidade Tardia para acesso a esses conflitos resultaram em testemunhos altamente permeados pelas paixões partidárias daqueles que os produziram, guardaram e transmitiram (CARRIÉ, 1999, p. 11-25). Inseridos nas disputas por afirmação entre as diferentes vertentes cristãs que coexistiam no contexto, tais documentos podem ser considerados peças propagandísticas, de refinada elaboração retórica, que visavam atender interesses das facções que se enfrentavam na arena político-religiosa. Portanto, constituem-se de artefatos discursivos que devem ser questionados não apenas como vestígios do passado, mas, também, através da subjetividade ou intencionalidade da produção deles como circundados pela realidade daqueles que os fabricaram. Nesse sentido, as análises do conteúdo e do

público ao qual se destinavam tais construções discursivas permitem-nos especular sobre os motivos e os objetivos subjacentes a elas (FUNARI, 2003, p. 21-27).

Nessa perspectiva, se insere o *Synodicon Orientale* ou *Registro dos Sínodos Nestorianos* que consiste na reunião das atas relacionadas aos procedimentos e aos decretos estabelecidos nos Sínodos da Igreja ocorridos em território do Império Persa e, posteriormente, daqueles realizados após a conquista da região pelos povos árabes, em meados do século VII. Tais registros foram preservados no idioma siríaco⁴ e são relacionados a treze Sínodos que aconteceram entre os anos de 410 e 775. O tradutor para a língua francesa, Jean-Baptiste Chabot (1902), organizou a edição a partir de cópias dos manuscritos produzidos pelos patriarcas da Sé episcopal de Selêucia-Ctesífon, do final do século VIII. A maior parte desse material foi levada pela primeira vez para a Europa, em 1869, pelo bispo de Mossul (atual Iraque) Joseph David. A cópia do arquetipo é identificada como MS K VI, 4 e se insere em um conjunto de quarenta e seis manuscritos siríacos pertencentes às coleções do Museu Bórgia, na Congregação da Propaganda da Fé, no Vaticano. O restante do material é identificado como MS Siríaco 332, pertencente à Biblioteca Nacional da França (CHABOT, 1902, p. 1-16).

As três atas sinodais que permitem vislumbrar o conflito em tela e seus desdobramentos referem-se ao Sínodo do ano de 410, presidido pelo catholicos⁵ Ishāq (*Syn. orient.* I, p. 253-275); ao do ano de 420, presidido pelo catholicos Yahballāhā (*Syn. orient.* II, p. 276-284); ambos os Sínodos ocorridos sob o reinado de Yazdgird I; e ao do ano de 424, presidido pelo catholicos Dādīšō (*Syn. orient.* III, p. 285-298). Este último ocorrido sob o reinado de Bahrām V. Embora Nestório não tenha sido mencionado nos registros desses três primeiros Sínodos, pois somente iria assumir protagonismo político-religioso após sua nomeação para o episcopado de Constantinopla, em 428, o editor da coleção sugeriu, além do antigo título *Synodicon Orientale*, o título alternativo de Registros dos Sínodos Nestorianos. Tal denominação não parece de todo inapropriada uma vez que, conforme mencionado anteriormente, a cultura político-religiosa que viria a ser denominada, mais tarde, de nestorianismo já florescia na região pelo menos desde as décadas finais do século IV.

A análise dessas atas fornece informações relevantes sobre os relacionamentos do clero cristão com os governantes sassânidas e as elites dirigentes, civis, militares e religiosas pertencentes ao clero zoroastrista⁶. Fornecem, ainda, indicações sobre os conflitos no interior das próprias comunidades cristãs persas. Isso ajuda a visualizar as manobras por meio das quais Yazdgird I e Bahrām V buscaram manter o equilíbrio político-religioso de toda essa diversidade, no sentido de assegurar o papel de centralidade por eles exercido na sociedade persa. Em vista da diversidade dos atores, eclesiásticos,

⁴ Dialeto do idioma aramaico.

⁵ *Catholicos* era o termo distintivo reivindicado pelo bispo da Sé da capital Selêucia-Ctesífon, no Império Persa, e pelo bispo superior da hierarquia eclesiástica no reino da Armênia, que buscavam estabelecer primazia sobre todos os demais bispos metropolitanos dessas regiões (*Syn. orient.* I, p. 253; Moisés de Corene, *Hist. arm.*, III, 49).

⁶ O Zoroastrismo era a religião de caráter dualista, assim como as ideias nestorianas, predominante no Império Persa.

civis e militares citados nas atas, a análise prosopográfica constitui ferramenta valiosa. O propósito do método prosopográfico é coletar dados biográficos das elites políticas e religiosas que transcendam suas vidas individuais na perspectiva de analisar grupos de indivíduos a partir dos seus contatos mútuos e interesses comuns. (KOENRAAD; CARLIER; DUMOLYN, 2007, p. 41-43; PUECH, 2012, p. 155-168).

Nesse sentido, dados coletados na própria documentação fornecem fatores gerais dos grupos de interesses e as motivações de suas ações. No caso das elites persas, os dados colhidos nos documentos podem ser complementados a partir de trabalhos como *Studies in Sasanian Prosopography*, de Alireza Shapour Shahbazi (1998) e *Sources Sassanides et Prosopographie sur l'Antiquité Tardive*, de Rika Gyselen (2008). No que se refere às elites romanas, a partir dos subsídios das obras *A Dictionary of Christian Biography and Literature to the End of the Sixth Century AD*, de Henry Wace e Willian C. Piercy (1999); *The Prosopography of the Later Roman Empire. Vol. II – A.D. 395-527*, editada por John R. Martindale (1980).

Amostras dessas informações podem nos indicar o entrelaçamento das elites cristãs romanas e persas na região mesopotâmica que indicam a necessidade de acordos entre os soberanos de ambos os impérios no sentido de assegurar seus domínios territoriais:

Ishāq. Catholicos de Selêucia-Ctesífon, capital do Império Sassânida, localizada na província mesopotâmica de Bêth Arāmāyē. Era natural da cidade de Kaskar, na província de Asūristān, também localizada na região leste do Império, entre os rios Eufrates e Tigre. Era parente de um antecessor não imediato, o catholicos Tomarsa. Foi eleito para a Sé da capital após disputas com o catholicos Qayoma, que renunciou após ser persuadido por Mārūtā. Após a sua eleição, chegou a ser preso pelo rei após denúncias feitas contra ele pelos seus opositores na hierarquia eclesiástica. Após ser colocado em liberdade, presidiu o Sínodo de 410, convocado por Yazdgird I, juntamente com Mārūtā. Nessa ocasião, julgou e condenou os seus opositores, sendo apoiado pela maior parte dos bispos das províncias mesopotâmicas. Recebeu cartas de apoio dos bispos romano-orientais Porfírio de Antioquia, Acácio de Bereia, Páquida de Edessa, Eusébio de Tella e Acácio de Amida (*Syn. orient.* I, p. 253-275; *Syn. orient.* II, p. 280-283; LABOURT, 1904, p. 89- 92; ASMUSSEN, 2008, p. 932; BRUNNER, 2008, p. 757).

Mārūtā. Bispo de Martirópolis, na província romana da Mesopotâmia, na Diocese do *Oriens*. Foi enviado por Teodósio II, em mais de uma ocasião, em embaixadas junto à Corte de Yazdgird I, no início do século V. Juntamente com o catholicos Ishāq, presidiu o Sínodo de Selêucia-Ctesífon, em 410, que estabeleceu regras para a reestruturação da hierarquia eclesiástica persa. É registrado que teria curado Yazdgird I de uma dor de cabeça crônica e, por esse motivo, teria conquistado grande estima do soberano persa. Além disso, os magos zoroastristas tentaram envolvê-lo em situações embaraçosas perante o rei, pois temiam que ele pudesse persuadir Yazdgird I a tornar-se cristão (*Syn. orient.* I, p. 253-275; Sócrates, *Hist. eccl.*, VII, 8, 1-20; LABOURT, 1904, p. 88-94; WACE; PIERCY, 1999, p. 863; HERMAN, 2014, p. 72).

Assim como ocorreu no Império Romano do Oriente, a hierarquia eclesiástica persa buscou estabelecer suas circunscrições tendo por base a geografia político-administrativa do Império Persa. Portanto, pode-se complementar o entendimento dessa organização a obra do escritor armênio Moisés de Corene, *História da Armênia*, que nos traz informações relevantes sobre a geografia e a

administração do Império Sassânida no período.⁷ O escritor divide seu trabalho em três livros, cuja datação mais aproximada é a segunda metade do século V (TRAINA, 2007, p. 164; MAHÉ; MAHÉ, 1993, p. 11-15), sendo que o terceiro e último livro compreende eventos que vão do fim da monarquia Arsácida (428) até a morte do bispo (439), período em que a Armênia é absorvida pela estrutura político-administrativa persa (Moisés de Corene, *Hist. arm.*, III, 58-68).

No que se refere ao Império Romano do Oriente, percebe-se a associação entre bispos e funcionários imperiais que se congregavam nas facções lideradas por Nestório e ao seu principal oponente, o bispo Cirilo de Alexandria. Essas associações condicionaram as ações do imperador romano-oriental Teodósio II em alternar apoio entre as duas facções em proveito da segurança da sua posição de governante (FIGUEIREDO, 2018, p. 110-134). Essa estratégia parece ser similar àquela adotada pelos soberanos persas. Para também se visualizar essa disposição em relação às elites sassânidas, além das informações extraídas das atas dos Sínodos acima mencionadas, pode-se, ainda, reafirmar esse consórcio entre eclesiásticos e leigos por meio dos *Atos dos Mártires Persas sob o rei Yazdgird I*. Esses relatos têm despertado o interesse dos historiadores no que se refere ao estudo sobre o reconhecimento formal da Igreja persa e a estruturação da sua hierarquia.

Eles também se inserem nos debates recentes acerca da alternância nos períodos de apoio e perseguição dos soberanos persas à população cristã do reino (BROCK, 1982; PAYNE, 2015). Uma vez que tais análises se restringem a compreender as correlações de forças político-religiosas internas na sociedade sassânida, sem, contudo, estender as análises para o relacionamento externo com o Império Romano do Oriente, percebe-se que a historiografia tem encontrado obstáculo em entender os motivos que levaram à súbita mudança de posição no tratamento dispensado aos cristãos persas por Yazdgird I e seu filho, Bahrām V, bem como a rápida disposição de ambos os soberanos em colocar termo à guerra de 421-422. Desse modo, tais documentos devem ser inseridos em contexto mais amplo que, além de contemplar a formação de facções entre bispos e funcionários reais persas, também possibilite oferecer uma explicação para a alternância de apoio verificada, conforme será demonstrado mais adiante.

Os *Atos dos Mártires* são compostos de cinco relatos de autoria de um hagiógrafo persa de nome Abgar e narra o martírio de indivíduos cristãos provenientes das províncias de Bēth Raziqāyē, Bēth Hadyab (Adiabene), Bēth Garmai e Hormizd-Ardašīr, durante o governo de Yazdgird I. O texto foi traduzido para a língua inglesa e publicado em edição bilingue, pela primeira vez, por Geoffrey Herman, em 2016, a partir do manuscrito MS BL Add 7200, do século XII/XIII, mantido na British

⁷ Conforme Giusto Traina (2007, p. 164), não há registros de que tenham chegado até nós documentos textuais contemporâneos de origem persa que nos dê conhecimento da organização administrativa do Império Sassânida. Nesse assunto, a historiografia se utiliza bastante de narrativas posteriores, preservadas, sobretudo, no idioma siríaco (p. ex. A Crônica de Arbela) e no idioma árabe (al-Tabari) (WIDENGREN, 2007). A obra de Moisés de Corene por ser mais contemporânea pode nos dar um quadro mais aproximado da administração persa.

Library, em Londres, e do manuscrito MS Berlin Or. Oct. 1257, mantido na Staatbibliothek, em Berlim. Paul Devos (1965, p. 303-328) e Scott McDonough (2008b) concordam que os textos são contemporâneos entre si e podem ser datados entre os anos de 421 e 424. Trata-se de rico material que podem ser colocados em diálogo as atas dos Sínodos, possibilitando identificar atores político-religiosos no que diz respeito à atuação deles no equilíbrio de forças a partir do método prosopográfico:

Tūtāq. Originário da província de Adiabene (Bēth Hadyab). Exerceu o cargo de doméstico real (alto ranking na Corte). Teria abandonado o serviço real sem permissão e foi seguir a vida monástica. Foi instruído, mas recusou-se a abandonar a fé cristã. Por isso, foi preso e levado pelo chefe dos magos perante Yazdgird I, sendo interrogado e executado (*Acta mart.* II, p. 28-35; HERMAN, 2014, p. 79; DEVOS, 1965, p. 303).

Os significados que se pode extrair desses documentos, escritos e preservados em idioma siríaco, podem ser complementados pelas narrativas de Teodoreto de Ciro (aprox. 393-460) e Sócrates de Constantinopla (aprox. 380-?), que escreveram suas *Histórias Eclesiásticas* na primeira metade do século V, no idioma grego. São documentos que dialogam entre si, pois seus autores buscaram oferecer, além de informações relevantes sobre as questões político-religiosas do Império Romano do Oriente, também suas descrições particulares daqueles eventos relacionados aos conflitos entre a hierarquia eclesiástica e os soberanos persas. Ao mesmo tempo, dão importantes indicações a respeito da política externa de cooperação estabelecida entre os governantes de ambos os Impérios ao comentarem sobre as embaixadas episcopais. Esses documentos indicam que Sócrates e Teodoreto não partilhavam das mesmas visões político-religiosas, pois, no ambiente de grande diversidade ao qual estavam inseridos, produziram versões personalizadas dos acontecimentos que melhor satisfizessem os interesses dos seus grupos. Desse modo, os discursos que produziram, sobre os conflitos na Pérsia, refletem as tensões político-religiosas dentro do próprio Império Romano do Oriente, tensões essas que iriam contribuir para a emergência da *Controvérsia Nestoriana*. São documentos que devem ser analisados como representações que são “atravessadas por disputas e lutas pelo poder de categorizar e classificar – pelo poder de representar e de se fazer representar” (BLÁSQUEZ, 2000, p. 188).

Essa mesma disposição deve ser aplicada aos discursos inseridos nos documentos de origem persa e redigidos no idioma siríaco, descritos anteriormente. Sócrates era natural de Constantinopla e as evidências indicam que tenha vivido, aproximadamente, entre 380 e 440. Seu contexto de escrita está relacionado aos conflitos entre as diversas facções que se enfrentaram na capital imperial (URBAINCZYK, 1997). Desse modo, especula-se que ele pertencia à Igreja dos Novacianos, composta por indivíduos que aceitavam a ortodoxia vigente, porém divergiam a respeito das normas que regiam a organização eclesiástica. Tudo indica que o poder imperial tolerava essas agremiações dissidentes com o objetivo de melhor manobrar a diversidade político-religiosa na sociedade romana (FIGUEIREDO, 2018, p. 143).

O bispo Teodoreto (aprox. 393-460) era natural de Antioquia e, na juventude se tornou bispo da cidade de Ciro, na província de Osroena. Assim como Nestório, e a maior parte dos bispos da Diocese do *Oriens*⁸, era seguidor das ideias dos bispos Teodoro de Mopsuéstia e Diodoro de Tarso acerca da dualidade da natureza do corpo de Cristo, discussão essa que, no campo teológico, foi central nos debates da *Controvérsia Nestoriana*. Ambos os autores se declaram continuadores da obra *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia (aprox. 263-339) e, assim, produziram um gênero de narrativa histórica que mescla eventos relacionados à situação da Igreja sob os diferentes imperadores que sucederam o imperador Constantino (272-337) (MITCHELL, 2015, p. 33-36).

No que se refere à noção de história, e que nos dá a dimensão do entrelaçamento político-religioso e administrativo no contexto, Sócrates (*Hist. eccl.*, V, Prefácio) afirmava que os eventos políticos e militares estão imbricados com os eventos relacionados à Igreja. Teodoreto (*Hist. eccl.*, Prefácio), por sua vez, acreditava que a ordem natural do mundo não é aleatória e incerta, mas, ao contrário, cumpre um plano divino, apesar da existência da pobreza e da injustiça. Essas percepções são relevantes para o entendimento da escrita de ambos os autores.

A obra de Sócrates é dividida em sete livros que cobrem o período de 305 a 439. Para o propósito desse artigo, serão utilizados o capítulo 8 “Propagação do Cristianismo entre os persas por Maruta, bispo da Mesopotâmia”; o capítulo 18 “A renovação das hostilidades entre romanos e persas depois da morte de Yazdgird, rei dos persas”; o capítulo 20 “Uma segunda derrota dos persas pelos romanos” e o capítulo 21 “O tratamento gentil do bispo Acácio de Amida aos cativos persas”, todos inseridos no Livro VII. Sócrates escreveu em grego e sua obra foi preservada nesse idioma por diferentes manuscritos medievais. A edição bilingue grego/francês traduzida por Pierre Périchon e Pierre Maraval, publicada pelas *Les Éditions du Cerf*.

O bispo Teodoreto de Ciro também escreveu sua *História Eclesiástica* em grego, embora afirmasse que o siríaco era a sua primeira língua (ROHRBACHER, 2002, p. 126). O seu relato cobre o período de 325 a 428 e, provavelmente, só foi publicado após a morte do imperador Teodósio II, em 450 (LEPPIN, 2003, p. 228- 229). Ele produziu sua obra em cinco livros com destaque para o capítulo 39, inserido no Livro V, intitulado “Das perseguições na Pérsia e daqueles que foram martirizados”. O texto foi traduzido do grego para o francês por Jean Bouffartigue e impresso em edição bilingue também pela *Les Éditions du Cerf*. Assim sendo, a preocupação aqui é a de reunir documentos contemporâneos, produzidos tanto por persas como por romanos, que nos permitam ampliar a leitura daqueles acontecimentos relacionados à interação entre as comunidades cristãs da região de fronteira

⁸ No início do século V, o Império Romano do Oriente estava dividido em duas grandes circunscrições denominadas de Prefeituras Pretorianas (Ilírico e Oriente). Essas, por sua vez, eram compostas por regiões menores chamadas Dioceses, que abrigavam as Províncias, cujas cidades capitais eram denominadas de metrópoles. Pertenciam à Prefeitura Pretoriana do Oriente: as Dioceses do *Oriens*, Egito, Pôntica, Asiana e Trácia. A Prefeitura Pretoriana do Ilírico era composta pelas Dioceses da Dácia e da Macedônia.

romano-persa e a resolução dos conflitos decorrentes desses contatos. Acrescentamos, porém, que o significado que se pode extrair da leitura desses artefatos discursivos, também está circundado pela realidade do momento daquele que os lê e os interpreta, criando, assim, uma nova representação daquela realidade que se quer retratar (JENKINS, 2005, p. 49).

A partir do tratamento dessa documentação torna-se possível oferecer uma leitura deles que indique a necessidade de negociações e coexistência entre os soberanos romano-orientais e persas em detrimento dos enfrentamentos bélicos já bastante trabalhados pela historiografia.

3 AS NEGOCIAÇÕES: A BUSCA PELA COEXISTÊNCIA E A MANUTENÇÃO DO PODER NAS FONTES ECLESIÁSTICAS

A primeira indicação nas fontes que desperta a atenção foi a convocação de Nestório, um monge de ascendência persa e superior de um mosteiro nas cercanias de Antioquia, para ocupar a chefia do episcopado da capital imperial Constantinopla, em 428 (Nestório, *Liber*, 376-377; CHESNUT, 1978). Na viagem que o levou à capital imperial, Nestório foi escoltado pelo *magister utriusque militiae per Orientem*⁹ Flávio Dionísio, que retornava da Pérsia, em missão delegada por Teodósio II, que visava renovar o tratado de paz que havia colocado fim ao breve conflito bélico entre os dois impérios, ocorrido em 421-422 (TRAINA, 2009, p. 1-6). Naquele mesmo ano de 428, Moisés de Corene, escritor armênio do século V, ainda informava que parte do clero do reino da Armênia que fazia oposição ao *catholicos* Sahak, defensor das ideias cirilianas (CONSTAS, 2003, p. 104), se aliou às aristocracias locais e, com ajuda do rei da Pérsia, Bahrâm V, destituíram o rei armênio, Artashes IV (Moisés de Corene, *Historia Armeniorum*, III, 63)¹⁰. A partir de então, a Armênia se tornou uma província (satrapia) do Império Persa, que fazia fronteira com o Império Romano do Oriente. Em contrapartida, o rei persa concedeu às elites armênias mais autonomia no gerenciamento dos seus interesses e domínios (THOMSON, 2008, p. 665; GARSOÏAN, 1998).

Esse precedente na Armênia parece ter pesado na decisão de Teodósio II em convocar Nestório para ocupar a Sé episcopal da capital imperial, Constantinopla. Essa estratégia imperial parece visar aproximar e dar maior peso político aos segmentos que se congregavam em torno dele, em especial, as elites da Diocese do *Oriens*, região de fronteira com o Império Persa, conforme indicamos antes. Cabe ressaltar que a teologia dualista defendida por Nestório se inseria em uma cultura político-religiosa que ansiava por maior participação político-administrativa em uma estrutura que centralizava grande parte das decisões em Constantinopla.¹¹ A emergência desse ideário pode ser rastreada às

⁹ Trata-se do principal funcionário militar (general) encarregado da defesa da Prefeitura Pretoriana do Oriente.

¹⁰ Conforme destaca Richard N. Frye (1983, p. 120), um ramo dos Arsácidas (Partas), ao qual Artashes IV fazia parte, se deslocou para a Armênia quando os Sassânidas tomaram o poder na Pérsia, no ano de 224. Esse ramo fundou uma nova dinastia que governou o reino até 428.

¹¹ Como exemplo para indicar essa centralização, citamos a vasta correspondência epistolar do bispo Teodoro de Ciro, aliado de Nestório, que nos mostra a intensa troca de cartas desse bispo com funcionários da Corte imperial no sentido de

décadas finais do século IV, momento em que ocorreu a separação das duas porções do Império. Os representantes mais destacados dessa teologia, naquele momento, foram os bispos Diodoro de Tarso (?-392) e Teodoro de Mopsuéstia (350- 428), cujas Sés episcopais também se localizavam na Diocese do *Oriens*.

Contudo, ao se antecipar a uma situação que poderia caminhar para uma solução similar àquela adotada pelas elites armênias, a decisão de Teodósio II de dar maior peso político a esse grupo do qual Nestório era representante parece ter ajudado a precipitar a emergência da *Controvérsia Nestoriana*. Além das questões teológicas trazidas no seu bojo, o conflito contemplava, também, disputas antigas entre Antioquia e Alexandria por preeminência na organização eclesiástica romano-oriental. Tais disputas também se davam pela busca do controle político da Sé de Constantinopla, uma vez que o seu bispo era um dos integrantes de Corte imperial e, portanto, atuava como conselheiro nas políticas imperiais. Acerca dessa multiplicidade de interesses, Pierre Bourdieu (2007, p. 62-64) já nos indicava que o campo religioso é um lugar de concorrência e as ideologias produzidas nele, visando a instauração do monopólio dos instrumentos de salvação, são propícias a serem utilizadas nas lutas por prestígio e poder entre seus membros. Dado o apelo que as questões relacionadas à salvação¹² adquiriam naquele contexto, Cirilo, Nestório e seus aliados aproveitavam-se da disputa teológica para estender suas esferas de influências para contingentes amplos da sociedade romana oriental, ou mesmo além dela, como no caso da emergente hierarquia eclesiástica persa.

Conforme já enunciado, além dessas constatações, a questão precisa ser mais aprofundada para contemplar a interferência que parte das elites cristãs do Império Persa exerceu no processo ao se associar ao grupo ao qual Nestório viria a se despontar como um dos líderes. Essa preocupação decorre do fato de que não havia uma clara e fixada fronteira entre o Império Persa e o Império Romano do Oriente. As marcas se alteravam por ocasião dos diversos enfrentamentos bélicos ocorridos entre os dois impérios na Antiguidade Tardia.¹³ Em decorrência, a população que vivia nessa vasta região

solicitar recursos de toda espécie para a população da província de Eufратense, onde se localizava a cidade de Ciro (ROHRBACHER, 2002, p. 127). A rede de correspondentes de Teodoro foi mapeada por Adam M. Schor (2011) e Vincent Puech (2011).

¹² A questão teológica relacionada à definição da correta divindade apresentava um caráter prático para os indivíduos, pois estava relacionada à salvação da humanidade (soteriologia). Na concepção de Cirilo de Alexandria, inspirado na teologia do bispo Atanásio (296-373), a união das naturezas divina e humana em Cristo era necessária para que se operasse a redenção da humanidade. Somente o ensino e o exemplo do Cristo não seriam suficientes para a mudança do comportamento humano. (LYMAN, 1993). Ao contrário, na concepção de Nestório, inspirada em Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia, a salvação seria tarefa humana de ascensão rumo a uma era perfeita, que se realizaria a partir da pedagogia dos exemplos do homem Jesus e não necessariamente necessitaria da união entre a carne e a divindade para que isso ocorresse (FAIRBAIRN, 2007, p. 392).

¹³ No início do século V a fronteira territorial entre os dois impérios se mantinha conforme estabelecido no acordo de paz negociado entre o imperador Joviano (363-364) e o rei Šāpur II (309-379). Esse acordo devolvia ao Império Persa vasta área conquistada pelo imperador Galério (305-311). Nesse sentido, em meados do século IV, os persas retomaram importantes localidades que há muito se encontravam sob o domínio romano, como, por exemplo, a cidade de Nísibe, agora constituída como capital da província persa de Bēt ‘Arbāyē. Mais tarde, as escolas filosóficas dessa cidade se tornaram importantes centros irradiadores da teologia nestoriana (DARYAEE, 2011, p. 183; GREATREX, 2014, p. 166). Para percepção ampla desses deslocamentos fronteiriços durante a Antiguidade tardia vide DODGEON; LIEU (1994) e GREATREX; LIEU (2002).

partilhava elementos culturais comuns, cujas evidências mais perceptíveis, de acordo com a documentação consultada, estavam na persistência do uso de uma língua franca dos dois lados, o siríaco, um dialeto do aramaico, e na crença em uma divindade cristã dualista conforme imaginada pela teologia nestoriana. Nesse sentido, Norberto Guarinello (2010, p. 121) enfatiza que fronteiras, sejam elas políticas, econômicas, sociais e culturais, apresentam múltiplas faces e densidades e é por meio delas que indivíduos ou grupos se defrontam, se integram ou se enfrentam. Parece, desse modo, que a linha fronteira entre o “ser persa” ou o “ser romano”, naquela circunstância e lugar, não era suficiente para separar indivíduos que dispunham de certo número de pertencimentos a compartilhar (REBILLARD, 2014, p. 105), dentre eles os fortes laços de uma cultura político-religiosa que ansiava por maior autonomia político-administrativa.

As comunidades cristãs existentes no Império Persa, na primeira metade do século V, se organizaram a partir de conflitos inerentes à própria necessidade de se estabelecer uma hierarquia eclesiástica, bem como pelas disputas de espaço, na sociedade persa, travadas com outras forças político-religiosas, tais como aquelas religiões representadas pelos cleros zoroastristas, judaicos, maniqueus e outros. Algumas lendas permeiam os relatos acerca da chegada dos cristãos ao Império Persa. Uma delas, atribuída ao clero jacobita¹⁴, reivindicava a fundação da Sé episcopal da capital persa, a metrópole de Selêucia-Ctesifon, ao apóstolo Tomé, na segunda metade do século I (LABOURT, 1904, p. 11-21). Assim como nas grandes Sés episcopais do Império Romano, tais vinculações à personagens ou a fatos marcantes do passado cristão se inseriam nas lutas por prestígio e poder que permearam a estruturação da hierarquia eclesiástica. Outros testemunhos dão conta de que, apesar da origem remota, tais comunidades começaram a melhor se organizar a partir do século III. Isso teria ocorrido em decorrência dos esforços evangelizadores dos cleros cristãos das vizinhas cidades romano-orientais de Edessa e Antioquia (ASMUSSEN, 2008, p. 930).

No começo do século IV, pode-se perceber que disputas por jurisdições e preeminências no sentido de se estabelecer a hierarquização do clero já eram presentes. Contudo, os conflitos ocorridos no reinado de Šāpur II (309-379), que parece ter inserido as comunidades cristãs persas no jogo político dos conflitos externos com o Império Romano, teriam levado à desestruturação das incipientes organizações eclesiásticas (DARYAEE; REZAKHANI, 2016, p. 1-8). A reorganização do clero cristão persa iria ser retomada somente no início do século V, durante o reinado de Yazdgird I. Nesse momento, embora os cristãos persas já se espalhassem por todo o platô iraniano, o maior contingente deles parece se concentrar na região de fronteira com o Império Romano do Oriente (*Syn. Orient.* I, II e III).

Segundo destacou Jérôme Labourt (1904, p. 5-6), as doutrinas cristãs lograram maior penetração nessa região da Mesopotâmia, entre os vales dos rios Eufrates e Tigre, justamente por uma questão cultural, pois ali se concentrava a maior parte dos indivíduos adeptos dos antigos cultos semitas

¹⁴ Denominação relacionada, desde a Antiguidade tardia, aos adeptos da Igreja Ortodoxa Síria.

assírios e caldeus, que se reunia em território persa. As províncias localizadas nessa região mesopotâmica eram as mais estratégicas, ricas e que concentravam importantes cidades do Império Persa. Em vista disso, eram regiões submetidas ao controle direto do rei. Nas demais regiões, conforme indica Ze'ev Rubin (2008, p. 651-654), o controle exercido pelo governo central não era uniformemente efetivo. Os soberanos sassânidas respeitavam os territórios assegurados pelos grandes senhores do reino (que poderiam ser oriundos da própria dinastia sassânida ou da diversidade de outros povos como partas, medos, ários, báltrios etc., que compunham a sociedade persa). Os líderes dessas linhagens admitiam fidelidade apenas nominal ao governo central e, desse modo, gozavam de certa autonomia nos seus domínios territoriais hereditários. Nesse sentido é que se pode entender a alcunha de “Rei dos reis” que era atribuído ao governante (DIGNAS; WINTER, 2007, p. 234; *Syn. orient.* I, p. 254). Ou seja, de ambos os lados da fronteira a população cristã encontrava-se submetida a um regime centralizado na figura dos soberanos, situação esta que parece limitar a participação político-administrativa das elites cristãs daquelas regiões.

As atas dos Sínodos de Selêucia-Ctesífon, em 410 (*Syn. orient.* I, p. 254-275), e de Bêth Ardashîr, em 420 (*Syn. orient.* II, p. 276-284), convocados sob o patrocínio do rei Yazdgird I, indicam que esse soberano teria amplamente favorecido aquele encontro ao colocar a estrutura administrativa do Império para apoiar a reorganização da hierarquia eclesiástica persa. Ambos os registros louvam Yazdgird I como um protetor dos cristãos, sendo ele, até mesmo, comparado ao imperador romano Constantino (306-337) por, de forma similar, decretar a liberdade de culto aos cristãos do reino, após o longo período de conflitos com o poder real no século IV (McDONOUGH, 2008b). Sócrates (*Hist. eccl.*, VII, 8), por exemplo, propagandeava que Yazdgird I esteve muito perto de se converter ao Cristianismo, fato este não consumado em virtude da morte intempestiva daquele rei.

Yazdgird I também é percebido como tendo sido muito próximo ao imperador romano-oriental Arcádio (395-408), uma vez que, a pedido deste governante romano, o soberano persa teria enviado o eunuco Antioco para a Corte de Constantinopla a fim de atuar como preceptor do futuro imperador Teodósio II. O objetivo era assegurar a permanência do poder imperial nas mãos da dinastia teodosiana, pois, ao que tudo indica, naquele momento, as disputas sucessórias já se esboçavam na Corte de Constantinopla (GREATREX; BARDILL, 1996, p. 171-197; KELLY, 2013). Essa disposição favorável entre os governantes persistiu após a morte de Arcádio. As atas dos Sínodos de 410 e 420 e as narrativas elaboradas por Sócrates e Teodoreto nos revelam as boas relações por meio da constante troca de embaixadas no período.¹⁵ No Sínodo de 410, o poder imperial romano enviou o bispo Mārūtā

¹⁵ No Império Persa, durante o V século, os governantes destacavam bispos para missões diplomáticas, assim como se verificava no Império Romano do Oriente (CANEPA, 2009; McDONOUGH, 2008a). A delegação de bispos para esse papel parece indicar estratégia dos governantes visando manobrar com o segmento episcopal em proveito do equilíbrio político-religioso. A perspectiva de análise adotada por Julio Cesar M. Oliveira (2015), no que se refere aos intermediários das comunicações na Antiguidade tardia, poderá colaborar nessa percepção.

de Martirópolis, da província romana da Mesopotâmia, para colaborar com o *catholicos* Ishāq na resolução dos conflitos na hierarquia eclesiástica (*Syn. orient.* I, p. 254). Mārūtā teria, inclusive, caído nas graças de Yazdgird I por ter feito um milagre e curado a dor de cabeça crônica do rei (Sócrates, *Hist. eccl.* VII, 8).

Nessa mesma reunião, pode se verificar a leitura de cartas de apoio e amizade enviadas ao clero persa pelos bispos romano-orientais Porfírio de Antioquia (província romana da Síria I), Acácio de Bereia (província da Síria I), Páquida de Edessa (província de Osroena), Eusébio de Tela (província de Osroena) e Acácio de Amida (província da Mesopotâmia) (*Syn. orient.* I, p. 255-256). Ou seja, todos esses bispos pertenciam a províncias romanas de fronteira com a Pérsia. Essa disposição que denota estreitamento de relações também é percebida por ocasião do Sínodo seguinte, ocorrido no ano de 420, alguns meses antes da morte de Yazdgird I. Esse segundo Sínodo foi presidido pelo *catholicos* Yahballāhā, auxiliado pelo bispo Acácio de Amida. Nas vésperas dessa reunião, Yahballāhā havia acabado de retornar de uma embaixada à Corte de Constantinopla, enviado por Yazdgird I (*Syn. orient.* II, p. 276).

Nesses dois Sínodos, os debates ficam centrados em referendar os cânones do Concílio de Niceia, ocorrido no Império Romano, no ano de 325, naquelas disposições referentes à organização da estrutura hierárquica como, por exemplo, a forma de consagração e a quantidade de bispos por localidades (*Syn. orient.* I, 263-273). Essa ênfase dada às questões organizacionais da hierarquia, em detrimento das questões teológicas, nos parece justificada ao se perceber na leitura das atas a formação de facções de bispos que divergiam acerca daquelas regras. Embora Yazdgird I tenha determinado a presença do maior número possível de bispos de toda a Pérsia para se reunir naqueles Sínodos, o que se percebe, por meio das listas de presenças, é a esmagadora maioria de bispos oriundos das províncias persas da região limítrofe com o Império Romano do Oriente, pois era a região que concentrava a maioria da população cristã. Assim, pode-se encontrar bispos representantes das cidades de Nísibe (província de Bēth ‘Arbāyē), Arbela (província de Bēth Hadyab/Adiabene), Karkā de Bēth Selōk (província de Bēth Garmai), Perāt (província de Maišān), dentre outras, liderados pelo *catholicos* de Selêucia-Ctesífon.¹⁶ A queixa desse grupo majoritário em relação aos demais pares das províncias distantes era a de que eles estavam afrouxando a regras que ditavam as ordenações episcopais. Ademais, faziam isso sob o olhar benevolente de indivíduos poderosos da nobreza e dos magos zoroastristas (*Syn. orient.* I, p. 258-261).¹⁷ Exigiam, portanto, a obediência às regras rígidas emanadas

¹⁶ Detalhes da organização político-administrativa do Império Persa, que serviu de base para a organização da hierarquia eclesiástica, podem ser consultados em Rika Gyselen (1989), Christopher Brunner (2008), Jes P. Asmussen (2008), Ze’ev Rubin (2008), Touraj Daryaee (2011), Michael Maas (2000) e Oliver Nicholson (2018).

¹⁷ O epíteto “Mago” era utilizado nas fontes cristãs para se referir aos sacerdotes zoroastristas (Acta mart. I, p. 24). Nas demais fontes esses sacerdotes são identificados como “mobed” (BIDEZ; CUMONT, 2007, p. v-xi). Sobre esse segmento sacerdotal, Richard Payne (2015, p. 23-58) busca desconstruir o mito de intolerância a ele atribuído em relação a outras agremiações religiosas. Podem-se verificar, inclusive, alianças entre os cleros zoroastrista e cristão na defesa de interesses comuns.

do Concílio de Niceia e a submissão das ordenações ao crivo do *catholicos* (*Syn. orient.* I, p. 254-255). Percebe-se que a estratégia de consagração adotada pelos grupos cristãos minoritários distorcia a representatividade, em vista da maior concentração de cristãos nas províncias mesopotâmicas. Contudo parece-nos que se tratava de manobra favorável a Yazdgird I uma vez que diluía o poder do *catholicos* e dos seus aliados naquela região estratégica de fronteira.

Apesar de favorecer o clero cristão, buscando inserir e usar esse segmento no equilíbrio das forças políticas que lhe davam sustentação, Yazdgird I é considerado um enigma para grande parte da historiografia, pois, no final do seu governo, o rei teria empreendido virulenta perseguição aos cristãos (HERMAN, 2014, p. 67; McDONOUGH, 2008b, p. 129).¹⁸ A justificava mais comum utilizada para essa guinada seria a submissão do rei às pressões do clero zoroastrista em virtude do aumento da conversão de famílias nobres ao Cristianismo. Contudo, analisando os eventos relacionados à sucessão de Yazdgird I para seu filho Bahrām V, pode-se conjecturar que, assim como ocorrera na sucessão de Arcádio para Teodósio II, no Império Romano do Oriente, a linhagem real sassânida encontrava oposição entre os nobres. Inclusive há relatos que suspeitam que a morte de Yazdgird I teria ocorrido a mando de nobres opositores (SHAHBAZI, 2003, p. 255-262). Parece, desse modo, que os cristãos liderados pelo *catholicos*, aproveitando o momento de crise política sucessória, iniciada mesmo antes da morte do rei, tenham se aliado às forças que faziam oposição a Yazdgird I, o que teria levado aos cruéis martírios descritos nos *Atos dos Mártires* (*Acta mart.* I-V, p. 2-61) e na *História Eclesiástica* de Teodoreto de Ciro (*Hist. eccl.*, V, 39, 1-6).

Após a morte de Yazdgird I, em 420, segmentos das elites persas tentaram impedir a ascensão do seu filho Bahrām V, herdeiro legítimo na linha sucessória, preterindo-o em favor de um príncipe de linhagem colateral. Para assegurar seus direitos e assumir o poder, Bahrām V marchou rumo a Selêucia-Ctesífon apoiado pelo exército de al-Mundhir, governante da tribo árabe dos Laquimidas (FRYE, 1983, p. 144). A ata do Sínodo de 424, agora sob a liderança do *catholicos* Dādīšō (*Syn. orient.* III, p. 285-298), revela a condição sofrível com que esse segmento de cristãos persas passou a ser tratado após os conflitos sucessórios que levaram Bahrām V ao poder. Logo após a sua investidura, Bahrām V teria retomado as perseguições de forma mais contundente, inclusive com o apoio dos mobeds zoroastristas (*Acta mart.* I-V, p. 2-61). As narrativas dessas perseguições revelam que muitos daqueles cristãos martirizados eram oriundos de linhagens nobres, que atuavam na administração sassânida, indicando-nos, desse modo, a dimensão do problema para além da questão religiosa.

¹⁸ Há um debate historiográfico sobre a existência ou não das perseguições no final do governo de Yazdgird I. Alguns historiadores, como Sebastian Brock (1982), com quem nos inclinamos concordar, baseando-se nos relatos de Teodoreto de Ciro (*Hist. eccl.*, V, 39, 1-6) advogam a existência daquelas perseguições. Outra vertente, que inclui Geoffrey Herman (2014), seguindo Sócrates de Constantinopla (*Hist. eccl.*, VII, 18) defendem que as perseguições somente ocorreram no governo de Bahrām V.

Chama, ainda, a atenção, que um dos cânones aprovados na reunião, e que expressava uma exigência do novo governante, decretava a independência da Igreja Persa em relação à hierarquia eclesiástica do Império Romano do Oriente (*Syn. orient.* III, p. 296). Essa medida parece que visava interpor barreiras a possíveis alianças entre os cleros cristãos de ambos os lados da fronteira e, desse modo, evitar interferências mútuas, beneficiando ambos os governantes. Outro efeito das lutas políticas em território persa resultou na fuga de muitos cristãos para o território do Império Romano do Oriente. Sócrates (*Hist. eccl.*, VII, 18) relatou que a recusa dos romanos em atender ao pedido de extradição dos fugitivos teria dado origem à guerra de 421-422. Esse conflito foi rapidamente resolvido por vias diplomáticas, que resultaram em acordos entre Bahrâm V e Teodósio II (ZOUBERI, 2017, p. 123; SCHRIER, 2005, p. 75-86), que determinou que o *magister* Flávio Dionísio fosse renovar, em 428, ocasião em que escoltou Nestório à Constantinopla para assumir o episcopado da capital imperial.

As questões acerca da emergência e resolução desse conflito bélico ainda não são claras para a historiografia. Dada a ênfase de Bahrâm V e Teodósio II na sua finalização e de acordo com os termos estabelecidos para seu término (HOLUM, 2004, p. 171-171), o conflito parece não ter sido suficiente para agravar as boas relações entre os dois Impérios no período. Isso leva a crer que, a despeito do longo histórico de conflitos entre os dois Impérios, na Antiguidade Tardia, o fortalecimento dos cristãos da região de fronteira requeria que os dois governantes estabelecessem relações de coexistência em proveito da segurança mútua dos seus domínios imperiais. As trocas de embaixadas episcopais utilizando, inclusive, bispos oriundos dessa região fronteiriça nos sinaliza a disposição dos governantes persa e romano de manobrem politicamente com esses indivíduos. No caso de Teodósio II, nomear Nestório como bispo da capital imperial significava aproximar-se do expressivo grupo do qual ele fazia parte e, assim, dar maior peso político-religioso a ele no centro de poder. Entretanto, essa medida ocasionou desequilíbrios políticos internos em vista da reação contrária do bispo Cirilo de Alexandria e de seus aliados, ocasionando, assim, a emergência da *Controvérsia Nestoriana*. Do lado de Bahrâm V, evitava-se a constante interferência de parcela do clero romano-oriental na hierarquia eclesiástica da Igreja persa impedindo, assim, o fortalecimento de forças político-religiosas cristãs que poderiam colocar em risco o equilíbrio que os soberanos persas sassânidas buscavam manter no jogo político-religioso interno, sobretudo no que se refere ao controle sobre a extensa e rica região mesopotâmica.

Análises recentes ainda encontram dificuldades em explicar as ações que veem aparentemente contraditórias dos governantes persas e romano. Em vista das evidências documentais aqui reunidas pode-se indicar que as comunidades cristãs de ambos os lados da fluída fronteira da região mesopotâmica entre os Impérios Romano do Oriente e Persa, na Antiguidade tardia, partilhavam interesses que contribuíam na construção de uma cultura político-religiosa comum. O objetivo que movia as elites dessas comunidades, tanto do lado persa quanto romano, era o de maior participação político-administrativa em relação aos Impérios Persa e Romano do Oriente às quais estavam



vinculadas. As evidências também indicam que a associação entre esses grupos afetava o equilíbrio de forças internas que davam sustentação aos soberanos de ambos os Impérios, requerendo que seus governantes elaborassem estratégias e tomassem ações conjuntas em vista do problema comum, sobretudo como verificado na resolução do conflito bélico dos anos de 421-422.



REFERÊNCIAS

Fontes.

MOÏSE DE KHORÈNE. Histoire de l'Arménie. Traduction de l'arménien classique par Annie et Jean-Pierre Mahé. Paris : Gallimard, 1993.

NESTORIUS. Le Livre d'Heraclide de Damas. Traduit en français par F. Nau avec le concours P. Bedjan et M. Brière. Paris : Letouzey et Ané Éditeurs, 1910.

PERSIAN MARTYR ACTS UNDER KING YAZDGIRD I. Persian martyr acts in syriac vol. 5. Edited and translated by Geoffrey Herman. Piscataway/NJ: Gorgias Press, 2016.

SOCRATE DE CONSTANTINOPE. Histoire Ecclésiastique. Livre VII. Traduction par Pierre Maraval et Pierre Périchon. Paris : Les Éditions du Cerf, 2007.

SYNODICON ORIENTALE OU RECUEIL DE SYNODES NESTORIENS. Publié, traduit et annoté par J.- B. Chabot. Paris : Imprimerie Nationale, 1902.

THÉODORET DE CYR. Histoire Ecclésiastique. Livres III-V. Introduction, texte grec et traduction par J. Bouffartigue. Paris : Les Éditions du Cerf, 2009.

Livros e periódicos.

ASMUSSEN, Jes Peter. Christians in Iran. In: YARSHATER, E. (Ed.). The Seleucid, Parthian and Sasanian Periods. The Cambridge History of Iran. Vol. 3.2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 924-948.

BIDEZ, Joseph; CUMONT, Franz. Les Mages Hellénisés: Zoroastre, Ostanès et Hystaspe d'après la tradition grecque. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

BLÁZQUEZ, Gustavo. Exercícios de apresentação: Antropologia Social, Rituais e Representações. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. (Org.). Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000, p. 169-198.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. A economia das trocas simbólicas. 6ª ed. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 27-78.

BROCK, Sebastian. Christians in the Sasanid Empire: a case of divide loyalties. In: Studies in Church History, n. 18, p. 1-19, 1982.

BRUNNER, Christopher. Geographical and administrative divisions: settlements and economy. In: YARSHATER, Ehsan. (Ed.). The Seleucid, Parthian and Sasanian Periods. The Cambridge History of Iran. Vol. 3.2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 747-777.

CANEPA, Matthew P. Unceasing embassies. In: _____. The Two Eyes of the Earth: art and ritual of kingship between Rome and Sasanian Iran. L. Angeles: California Univ. Press, 2009, p.122-153.

CARRIÉ, Jean-Michel. Introduction : « Bas-Empire » ou « Antiquité tardive ». In : _____ ; ROUSSELLE, Aline. L'Empire romain en mutation : des Sévères à Constantin – 192-337. Paris : Éditions du Seuil, 1999, p. 9-25.



CHABOT, Jean-Baptiste. Introduction. In: *Synodicon orientale ou recueil de synodes nestoriens*. Publié, traduit et annoté par J.-B. Chabot. Paris: Imprimerie Nationale, 1902, p. 1-16.

CHESNUT, Roberta C. The two prosopa in Nestorius' Bazaar of Heracleides. *Journal of Theological Studies*. v. 29, n. 2, p. 392-409, 1978.

CONSTAS, Nicholas. *Proclus of Constantinople and the Cult of the Virgin in Late Antiquity*. Leiden: Brill, 2003.

DARYAEE, Touraj. The Sasanian Empire (224-651 CE). In: _____. (Ed.). *The Oxford Handbook Iranian History*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 177-197.

_____; REZAKHANI, Khodadad. Sasanian Empire. In: MACKENZIE, J. M. (Ed.). *The Encyclopedia of Empire*. Chichester: Wiley Blackwell, 2016, p. 1-8.

DEVOS, Paul. Abgar, hagiographe Perse méconnu (début du Ve. Siècle). *Analecta Bollandiana*, v. 83, i. 3- 4, p. 303-328, 1965.

DIGNAS, Beate; WINTER, Engelbert. *Rome and Persia in Late Antiquity: Neighbors and Rivals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DODGEON, Michael H.; LIEU, Samuel N. C. *The Roman Eastern Frontier and the Persians Wars – AD 226-363: a documentary history*. London: Routledge, 1994.

DRIJVERS, Jan Willem. Rome and the Sasanid Empire: Confrontation and Coexistence. In: ROUSSEAU, Philip. (Ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009, p. 441-454.

FAIRBAIRN, Donald. Allies or Merely Friends? John of Antioch and Nestorius in the Christological Controversy. *The Journal of Ecclesiastical History*, v. 58, n. 3, p. 383-399, 2007.

FIGUEIREDO, Daniel de. A atuação político-religiosa do imperador Teodósio II na controvérsia entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla (428-450 d.C.). 2018. 407f. Tese (Doutorado em História). FCHS/ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

FRYE, Richard N. The Political History of Iran under the Sasanians. In: YARSHATER, E. (Ed.). *The Seleucid, Parthian and Sasanian Periods. The Cambridge History of Iran*. Vol. 3.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 116-180.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

GARSOÏAN, Nina G. Αρμενία μεγάλη και επαρχία μεσοποταμίας. In: EYΨYXIA: Mélanges offerts à Hélène Ahrweiler. Paris : Publications de la Sorbonne, 1998, p. 239-264.

GREATREX, Geoffrey. L'Influence Byzantine sur la Perse Sassanide. In: SAKEL, D. (Ed.). *Byzantine Culture: papers from the Conference 'Byzantine Days of Istanbul' May 21-23 2010*. Ankara: Turk Tarih Kurumu, 2014, p. 163-174.

_____; LIEU, Samuel N. C. (Ed.). *The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars – Part II AD 363-630: a narrative sourcebook*. London: Routledge, 2002.



_____; BARDILL, Jonathan. Antiochus the «Praepositus»: A Persian Eunuch at the Court of Theodosius II. *Dumbarton Oaks Papers*, v. 50, p. 171-197, 1996.

GUARINELLO, Norberto. *Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano: um ensaio*. Marenstrum, ano 1, v. 1, p. 113-127, 2010.

GYSELEN, Rika. *La Géographie Administrative de l'Empire Sasanide: les témoignages sigillographiques*. Paris: Res Orientalis, 1989. _____. *Sources Sassanides et Prosopographie sur l'Antiquité Tardive*. *Studia Iranica*, n. 37, p. 281-298, 2008.

HERMAN, Geoffrey. The Last Years of Yazdgird I and the Christians. In: _____. *Jews, Christians and Zoroastrians: Religious Dynamics in a Sasanian Context*. Piscataway: Gorgias Press, 2014, p. 67-90.

_____. Introduction. In: *Persian martyr acts under king Yazdgird I. Persian martyr acts in syriac vol. 5*. Edited and translated by Geoffrey Herman. Piscataway/NJ: Gorgias Press, 2016, p. xv-xxvi.

HOLUM, Kenneth G. Pulcheria's Crusade A.D. 421-22 and the Ideology of Imperial Victory. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n. 18, p. 153-172, 2004.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2005.

KELLY, Christopher. (Ed.). *Theodosius II: Rethinking the Roman Empire in late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

KOENRAAD, Verboven; CARLIER, Myrian; DUMOLYN, Jan. A Short Manual to the Art of Prosopography. In: KEATS-ROHAN, Katherine. S. B. (Ed.). *Prosopography Approaches and Applications*. Oxford: University of Oxford/Linacre College, 2007, p. 35-69.

LABOURT, Jérôme. *Le Christianisme dans l'Empire Perse sous la dynastie sassanide (224-632)*. 2 ed. Paris: Librairie V. Lecoffre, 1904.

LEPPIN, Hartmut. The Church Historians (I): Socrates, Sozomenus, and Theodoretus. In: MARASCO, Gabriele. (Ed.). *Greek and Roman Historiography in Late Antiquity: Fourth to Sixth Century A.D.* Leiden: Brill, 2003, p. 219-254.

LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia*. Trad. Ivan E. Rocha. São Paulo: Edusp, 2016.

LYMAN, J. Rebecca. *Christology and cosmology: models of divine activity in Origen, Eusebius and Athanasius*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

MAAS, Michael. Sasanian Persia. In: _____. *Readings in Late Antiquity: a sourcebook*. London: Routledge, 2000, p. 327-344.

MAHÉ, Jean-Pierre; MAHÉ, Annie. Introduction. MOÏSE DE KHORÈNE. *Histoire de l'Arménie*. Traduction de l'arménien classique par Annie et Jean-Pierre Mahé. Paris: Gallimard, 1993, p. 9-91.

MARTINDALE, John R. *The Prosopography of the Later Roman Empire*. Vol. II – A.D. 395-527. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

McDONOUGH, Scott. Bishops or Bureaucrats? Christian Clergy and the State in the Middle Sasanian Period. In: KENNET, Derek; LUFT, Paul. (ed.). *Current Research in Sasanian Archaeology, Art and History*. Oxford: Archaeopress, p. 87-92, 2008a.



_____. A Second Constantine? The Sasanian King Yazdgerd in Christian History and Historiography. In : *Journal of Late Antiquity*, v. 1, n. 1, p. 127-140, 2008b.

MITCHELL, Stephen. *A History of the Later Roman Empire – AD 284-641*. 2a. ed. Chichester: Wiley Blackwell, 2015.

NICHOLSON, Oliver. *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2018.

OLIVEIRA, Julio Cesar M. de. O conceito de Antiguidade Tardia e as transformações da cidade antiga: o caso da África do Norte. *Revista de E. F. e H. da Antiguidade*, n. 24, p. 125-137, 2008.

_____. Cartas e redes de comunicação no Mediterrâneo durante a Antiguidade tardia: o caso da controvérsia pelagiana. *Revista História (São Paulo)*, n. 173, p. 53-80, 2015.

PAYNE, Richard E. The Myth of Zoroastrian Intolerance: Violence and the Terms of Christian Inclusion. In: _____. *A State of Mixture: Christians, Zoroastrians, and Iranian Political Culture in Late Antiquity*. Los Angeles: California University Press, 2015, p. 23-58.

PUECH, Vincent. La Méthode Prosopographique et l’Histoire des Élités dans l’Antiquité Tardive. In : *Revue Historique*. n. 661, p. 155-168, 2012.

_____. Le réseau politique d’un évêque de l’Antiquité tardive : les correspondants laïcs de Théodoret de Cyr (393-vers460). *Antiquité Tardive*, n. 19, p. 283-294, 2011.

REBILLARD, Éric. *Les chrétiens de l’Antiquité tardive et leurs identités multiples : Afrique du Nord, 200-450 après J.-C.* Paris : Les Belles Lettres, 2014.

ROHRBACHER, David. *The Historians of Late Antiquity*. London: Routledge, 2002.

RUBIN, Ze’ev. The sasanid monarchy. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). *Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600*. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 638-661.

SCHOR, Adam M. *Theodoret’s People: Social Networks and Religious Conflict in Late Roman Syria*. Berkeley: University of California Press, 2011.

SCHRIER, Omert J. Syriac Evidence for the Roman-Persian War of 421-422. In: *Greek-Roman and Byzantine Studies*, v. 33, n. 1, p. 75-86, 2005.

SHAHBAZI, Alireza Shapour. *Studies in Sasanian Prosopography. New light on the Parthian and Sasanian Empire*. London: Taurus, 1998.

_____. The Horse that Killed Yazdagerd “The Sinner”. In: ADHAMI, Siamak. (Ed.). *Paitimāna: Essays in Iranian, Indo-European, and Indian Studies in Honor of Hans-Peter Schmidt*. Costa Mesa: Mazda Publishers, 2003, p. 355-362.

THOMSON, Robert W. Armenia in the Fifth and Sixth Century. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.) *Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600*. The Cambridge Ancient History. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2008, p. 662-677.

TRAINA, Giusto. Moïse de Khorène et l’Empire Sassanide. In: *Res Orientales*, v. XVII, p. 157-179, 2007.



_____. 428 AD: an ordinary year at the end of the Roman Empire. Translated by Allan Cameron. Princeton: Princeton University Press, 2009, p. 117-132.

URBAINCZYK, Theresa. Socrates de Constantinople: Historian of Church and State. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

WACE, Henry; PIERCY, Willian C. A Dictionary of Christian Biography and Literature to the End of the Sixth Century A.D., with an Account of the Principal Sects and Heresies. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 1999.

WIDENGREN, Geo. Sources of Parthian and Sasanian History. In: YARSHATER, Ehsan. (Ed.). The Seleucid, Parthian and Sasanian Periods. The Cambridge History of Iran. Vol. 3.2. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 1261-1283.

ZOUBERI, Joan. The role of religion in the foreign affairs of Sasanian Iran and the Later Roman Empire (330-630 A.D.). In: *Historia i Swiat*, n. 6, p. 121-132, 2017.